

PROJETO METODOLÓGICO-OPERATIVO

# CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

## PELA VIDA DAS COMPANHEIRAS!



# Sumário

<b>O QUE É</b>	<b>3</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>4</b>
<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>8</b>
<b>INTERLOCUTORAS E INTERLOCUTORES</b>	<b>11</b>
<b>OBJETIVOS:</b>	<b>12</b>
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>14</b>
<b>Referências:</b>	<b>20</b>
<b>PROPOSTA METODOLÓGICA DA CAMPANHA</b>	<b>21</b>
<b>EIXOS DE ORGANIZAÇÃO</b>	<b>23</b>
<b>ETAPAS</b>	<b>31</b>
<b>CRONOGRAMA</b>	<b>33</b>
<b>SUSTENTABILIDADE</b>	<b>40</b>
<b>PARCERIAS/REALIZAÇÃO</b>	<b>41</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>42</b>

2

*Este projeto foi construído pelo GT Central da Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher, da Pastoral da Juventude do Brasil.*

*Diagramação e Projeto Gráfico: Thiesco Crisóstomo*

*Imagens: Freepik*

**Brasil  
2021**



# CAMPANHA NACIONAL DE ENFRENTAMENTO AOS CICLOS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

## O QUE É

Entende-se por esta Campanha um conjunto de ações articuladas pela Pastoral da Juventude, em abrangência nacional, desenvolvido no triênio 2017-2019 e renovado para o triênio atual, que compreende os anos de 2020, 2021 e 2022. Propõe-se aos grupos de jovens, instâncias de coordenação e assessoria, e militância em geral, o debate e o enfrentamento às diversas formas de violência que atingem as mulheres no Brasil. A Campanha precisa ser desenvolvida nas relações internas, na incidência externa, no diálogo e articulação com pastorais e movimentos parceiros, e no fomento à construção de novas masculinidades. A Campanha é caminho, com sangue e flores, que se direciona para um Horizonte repleto de vida!



3



# APRESENTAÇÃO

*“Ide anunciai aos meus irmãos  
que se dirijam para a Galileia.*

*Lá eles me verão”*

*(Mateus 28, 10)*

Nessa passagem bíblica descrita pelo evangelista Mateus acontece a narrativa do encontro de Jesus Ressuscitado com mulheres co-rajosas. O cenário era de medo, insegurança e ameaça aos seguidores e seguidoras de Jesus, pois o grande líder havia sido morto pelo império romano como sinal de repressão política a quem ousasse desafiar a ordem estabelecida. Ainda assim, elas, como discípulas fiéis, desafiaram novamente tal ordem e foram ao túmulo onde estava o corpo do Mestre. Ao encontrar-se com o grande companheiro ressuscitado, alegraram-se e não titubearam em acreditar no que os olhos viam e no que os ouvidos ouviam: Jesus estava vivo! O Projeto estava vivo! E elas precisavam ir anunciar aos irmãos e às irmãs que se dirigissem a Galileia para também se encontrarem com Jesus!

Séculos e séculos se passaram, e essa novidade, revelada primeiro às mulheres e anunciada primeiro por elas, ainda ecoa entre os povos do mundo inteiro e segue sendo sinal de esperança!

4

Ao fazer memória do necessário caminho para a Galiléia, a PJ escolhe esse convite desafiante de Jesus como iluminação bíblica para sua Ampliada Nacional (ANPJ), que aconteceu em janeiro de 2017 nas terras romeiras de Crato, no Ceará. A PJ sabe que a Galileia é o seu lugar por excelência, pois é onde o mandato missionário acontece. É aí que estão os e as pobres, é aí onde estão as contradições, as violências e





as negações de direito que os e as atingem na pele, na carne, na sua dignidade. A PJ compreende que aí é onde estão as juventudes empobrecidas, e passa a chamar esse chão sagrado de “Galileias Juvenis”. O caminho metodológico da ANPJ apontou para algumas dessas Galileias, com destaque à Galileia das jovens mulheres marginalizadas.

No texto base proposto, com a contribuição da Pastoral da Mulher Marginalizada, olhou-se com mais atenção para as realidades dolorosas que marcam a vida de tantas mulheres no Brasil. Os dados de violações de direitos e dignidade, e de exposição às diversas formas de violência, assustam, alertam, e exigem tanto sensibilização quanto ações proféticas, ou seja, que sejam transformadoras de fato. Esse grito pela vida das mulheres vinha sendo ecoado (e silenciado) há muito nos espaços da Pastoral da Juventude, assim como em todos os espaços da sociedade. Ele ressoou forte no 11º Encontro Nacional da PJ (ENPJ), em janeiro/2015 na cidade de Manaus/AM, e chegou com força na Ampliada Nacional da PJ em 2017.

Foi pelo desejo de entender a complexidade dos ciclos de violência e as formas como se manifestam, e para não ser omissa diante desses gritos, que a Pastoral da Juventude Nacional assumiu, como uma de suas prioridades para o triênio 2017-2019, a construção da **Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência Contra a Mulher**, que abarca as diversas dimensões da realidade destas violências: simbólica, psicológica, financeira, doméstica, sexual e midiática. Essa prioridade ousou expor um problema vivido por muitas mulheres, de dentro e de fora da Igreja, bem como trazer para o centro dos seus espaços formativos e de organização uma ferida aberta há muito tempo.



Ao longo de 2017 um grupo de companheiras e companheiros se lançou na elaboração e sistematização do projeto, estudando e pensando seus caminhos metodológicos. O lançamento oficial da Campanha aconteceu então em 2018, no 13º Encontro Nacional da PJ em Rio Branco, no Acre, foi o momento de apresentar à nossa juventude o projeto da Campanha, seu escopo e identidade visual. No próprio Encontro fizemos um grande movimento de reflexão e construção coletivas com todos(as) (as)os jovens, que apontaram horizontes e prioridades, que foram então incorporados ao projeto.

Nesse período, já haviam movimentações em torno da Campanha espalhadas pelo Brasil, mas era necessário, além do projeto, elaborar um material pedagógico que subsidiasse a realização de ações



6 vários materiais didáticos foram produzidos.

Em 2019, a PJ Nacional iniciou seu caminho jubilar rumo à celebração de 50 anos de vida, e o tema gerador escolhido para este primeiro ano foi, inspirados(as) pela Campanha, Mulher! Tivemos então



mais um bonito marco para a Campanha, com a realização do Encontro Nacional de Assessores(as) da PJ, em Araras-SP. Este ENA teve como tema “Maria, quem você está procurando?” (Jo 20, 15b), trazendo para o centro das reflexões e debates o protagonismo feminino em nossa mística, em nossa missão. Foi um momento que nos despertou para um novo olhar teológico e bíblico a partir da mulher, tendo reverberado não apenas para a compreensão do ministério da Assessoria, mas sobre todo o nosso ser e fazer pastoral. Foi uma grande novidade profética, a partir da Campanha e para a Campanha.

Nesse caminhar ousado fomos chegando em 2020 para a Ampliada Nacional de Erechim-RS, na qual nossas lideranças avaliaram os passos dados até aqui e reafirmaram que a Campanha deve continuar neste triênio que se inicia. Foi o reafirmar da luta em defesa da vida das companheiras, reconhecendo que ainda há muito para avançar interna e externamente. Assim, a Campanha segue como projeto prioritário até 2023, ano jubilar, e mais do que nunca queremos dizer que basta de violência contra as mulheres; que para que a Civilização do Amor se concretize, é preciso superar o ódio, o machismo e o patriarcado!

É preciso somar forças e fazer mutirão para que a campanha seja ressoada e avance em todo o país, em cada canto, em cada paróquia, em cada grupo e, sobretudo, em cada casa. À luz do Evangelho, possamos juntas e juntos construir mulheres novas e homens novos, segundo o desejo de Deus, com a igualdade e a liberdade a que todas e todos têm direito de forma plena e inalienável.



## JUSTIFICATIVA

O cenário nacional<sup>1</sup> da violência exhibe uma realidade alarmante, que deve inquietar profundamente todos os cristãos e cristãs. O Brasil segue sendo o 5º país do mundo em violência contra a mulher: os casos que chegam a ser denunciados apontam que a cada quatro minutos uma mulher é agredida, mas pesquisas indicam para mais que o dobro desse número (mais de 500 mulheres agredidas a cada hora); na maioria das vezes o agressor é alguém próximo e em 70% dos casos das agressões físicas, acontecem dentro de casa; 66% das mulheres de 16 a 24 anos já sofreram assédio; em 71% dos registros de feminicídio e das tentativas, o suspeito é o próprio companheiro ou ex-companheiro - nos casos de feminicídios com vínculo confirmado entre vítima e agressor, quase 89% são praticados pelo companheiro ou ex; 65% dos feminicídios ocorrem na residência da vítima; as maioria das vítimas de feminicídio são as mulheres negras (61%) e com baixa escolaridade (mais de 70% até o ensino fundamental); em média, morre no país uma mulher a cada 7 horas, vítima de feminicídio.



<sup>1</sup> Fontes dos dados citados acerca do cenário nacional: Atlas da Violência 2019; Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019; matéria “Mesmo com queda recorde de mortes de mulheres, Brasil tem alta no número de feminicídios em 2019”; matéria “71% dos feminicídio e das tentativas têm parceiro como suspeito”; matéria “Brasil caminha para liderar ranking mundial da violência contra mulher”; matéria “Levantamento: a cada 4 minutos uma mulher é agredida no Brasil”; matéria “Mais de 500 mulheres são agredidas por hora no Brasil”.



Todos esses cruéis dados evidenciam mais que nunca como o machismo é muito mais presente nas relações entre homens e mulheres do que se vê explicitamente: ele mora nos detalhes, nas subjetividades, no olhar, no silenciamento, na opressão e na negligência. Pelo que caminhamos até aqui, sabemos que essa discussão não é fácil, pois ainda existem aqueles/as que a querem silenciada; outros/as que vão relativizando-a para diminuir a gravidade dos fatos, ou que fazem “introduzir” várias outras discussões que tentam escantear mais uma vez a abordagem direta sobre as violências contra as mulheres; há ainda aqueles/as que permitem, no máximo, que a discussão fique nas entrelinhas, nos porões, feita apenas às sombras.

Com a Campanha, a PJ ousou acender as luzes e escancarar essa realidade sentida pelas jovens dos grupos e coordenações, pelas assessoras e por todas as mulheres, principalmente as mais pobres, as mulheres negras e LGBTQIA+. Temos ouvido e feito ouvir o grito delas pedindo socorro, pedindo ajuda para sobreviver, e desejando profundamente que suas vidas sejam mais floridas, coloridas e perfumadas. Por isso reafirmamos e acreditamos nessa Campanha como forma de defesa e luta pelo direito à vida e à liberdade.

Aprendemos e sabemos que a Campanha contribui na reflexão e na percepção de situações e ciclos de violências a que as mulheres são submetidas todos os dias. Mais do que isso, que esta ação profética da PJ vem favorecendo o encorajamento e a libertação destas mulheres, a fim de que se rompam todos os ciclos de morte e, empoderadas e protagonistas de suas vidas, ajudem a empoderar outras mulheres.





No âmago dessa luta, sejamos sempre inspiradas e inspirados pelas grandes mulheres da Bíblia, como Maria (Lc 1, 26-56; Lc 2, 1-52; Mt 1, 18; Mt 13, 54-56; Mc 3, 31-35; Jo 2, 1-12; Jo 19, 25-27; At 1, 14), Rute (Livro de Rute), Ester (Livro de Ester), Deborah (Juízes 4 - 5), Ana (1 Sm 1 - 2; Lc 2, 36-40); Madalena (Mt 27, 56-61; Mt 28, 1-11; Mc 15, 40-47; Mc 16, 1-11; Lc 24, 1-11; Jo 19, 25; Jo 20, 1-18), Marta (Lc 7, 44-50; Lc 10, 38-42; Jo 11, 1-45; Jo 12, 1-7), Joana (Lc 8, 1-3; Lc 24, 1-11), e Suzana (Daniel 13, 1-64; Lc 8, 1-3). Ainda motivam-nos tantas mártires que doaram suas vidas pelo projeto da Vida, e que incomodaram muito mais por serem mulheres - como Ir. Dorothy Stang, Margarida Alves, Berta Cáceres, Marielle Franco, e também outras tantas mulheres latino americanas, conhecidas ou anônimas, que revolucionam o mundo a partir de suas realidades. Em luta seguimos e seguiremos: **PELA VIDA DAS COMPANHEIRAS!**



# INTERLOCUTORAS E INTERLOCUTORES

A Campanha opta por trabalhar na perspectiva de interlocutoras/es, pois entende que há sempre troca de saberes nas diferentes formas de comunicação, abordagem, formação e articulação. Portanto, pretende-se construir esse movimento com:

- ✎ Jovens mulheres e jovens homens que participam dos grupos de jovens, bem como lideranças jovens e assessoras/es adultas/os da Pastoral da Juventude;
- ✎ Mulheres, em especial jovens, que estejam em situações de vulnerabilidade e risco social, devido a exposição direta à violência;
- ✎ Poder público;
- ✎ ONGs, organizações diversas, pastorais, organismos eclesiais, projetos sociais, movimentos sociais e juvenis, entre tantos/as outros/as, que contribuem nessa discussão.



# OBJETIVOS:

## Objetivo Geral

*Enfrentar os ciclos de violência contra as mulheres, na ousadia de desnaturalizar o machismo e o patriarcado que sustentam a cultura da violência, para construir uma nova ordem pautada por relações justas e igualitárias.*

## Objetivos específicos

1. Despertar, internamente na Pastoral da Juventude e na Igreja, a sensibilidade para a temática e sua urgência, visando ao empoderamento das mulheres e também à construção de novas masculinidades;
2. Compreender a violência contra a mulher a partir dos determinantes de raça, orientação sexual, identidade, classe, religião, entre outros, e de suas implicações;
3. Ter, em todas as instâncias, mulheres protagonizando a construção e dinamização da Campanha;



4. Nivelar o conhecimento e a linguagem entre todas/os as/os jovens que irão dinamizar a Campanha nas diversas instâncias, por meio da produção de materiais, reflexões, e um glossário básico em torno dos conceitos e dos tipos de ciclos de violência;
5. Enfrentar os ciclos de violência contra as mulheres internamente na Pastoral da Juventude - grupos de jovens, coordenações e assessorias -, a partir da coerência e do testemunho evangélicos, através de processos permanentes de formação e sensibilização;
6. Fortalecer e ampliar a participação das mulheres nos espaços de coordenação e na representatividade em todas as atividades desenvolvidas pela Pastoral da Juventude, tendo a paridade de gênero como critério ideal;



7. Estimular a criação de ações concretas nos âmbitos de: acolhida e cuidado para com as vítimas; prevenção; reparação das violências; promoção de transformações dos contextos sociais e superação da cultura da violência;
8. Fortalecer a Campanha como referência de ação para a proteção social ligada às adolescentes e jovens nos espaços de incidência da sociedade civil organizada, tal como as redes socioassistenciais e intersetoriais de proteção do Sistema Único de Assistência Social - SUAS.



## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência contra a Mulher tem a intenção de contribuir com a desnaturalização do machismo, através dos espaços de atuação da Pastoral da Juventude, e inclusive dentro das próprias instâncias de organização da PJ. Porém, ainda mais do que isso, a Campanha intenciona provocar as e os jovens a refletirem sobre as diferentes fases e roupagens da violência contra a mulher, a fim de que sejam promovidas mudanças de comportamentos e mentalidades.

No Brasil, o enfrentamento à violência contra as mulheres ganhou relevância principalmente nas décadas de 70 e 80, com a visibilidade do movimento de mulheres e de feministas que reivindicavam direitos e punições às agressões sofridas por elas, em grande parte cometidas por seus companheiros. Os slogans “Quem Ama não Mata” e “O Privado também é

Político” tinham a intenção de tornar visível o sofrimento das mulheres, assim como de fazer com que o debate tomasse a agenda pública naquele momento, transformando a questão da violência em problema social - afinal, com uma repercussão de ordem política, o Estado brasileiro teria que intervir.





No que diz respeito à violência contra a mulher, o Brasil infelizmente é um dos líderes mundiais: ocupa o 5º lugar no ranking dos países mais perigosos para as mulheres viverem, segundo último Mapa da Violência: Homicídios de Mulheres<sup>2</sup>. Com o alto índice nas taxas de assassinatos de mulheres, torna-se urgente realizar campanhas locais, bem como somar iniciativas de caráter mais amplo, a fim de que seja quebrado esse perverso ciclo que dizima parte da população feminina

do Brasil. No caso do feminicídio<sup>3</sup>, a face mais perversa do machismo e da misoginia, é alarmante constatar que a maior parte desses crimes é cometida por parceiros íntimos, ou seja, conhecidos das mulheres, pessoas com as quais teceram relações afetivas e estabeleceram vínculos de confiança.

Ainda segundo os dados do último Mapa da Violência, a maior incidência de feminicídios concentra-se sobre as mulheres mais jovens, de 18 a 30 anos, e dentre elas, as negras aparecem como as maiores vítimas. Se em dez anos os crimes cometidos contra as mulheres bran-

cas diminuíram 10%, os assassinatos de mulheres negras aumentaram em 54%. Ou seja, pensar o enfrentamento à violência contra a mulher



<sup>2</sup> Dados do Mapa da Violência 2015: Homicídios de Mulheres

<sup>3</sup> Assassinato de mulher, cometido por razões de condições do sexo feminino, que envolve crime de violência doméstica e familiar e/ou menosprezo ou discriminação a condição de ser mulher.



significa compreender e enfrentar o racismo presente nas relações e em todas as instituições, somado ainda a outros marcadores sociais, a fim de que sejam produzidas estratégias coletivas e plurais para este enfrentamento.

Os índices do Mapa da Violência são reflexos de uma cultura que articula o “nó” entre diversos sistemas de opressão e de exploração. A socióloga Heleieth Saffioti sistematiza este “nó” da seguinte forma: a violência contra a mulher é fruto de uma socialização machista, sustentada por um sistema patriarcal, que se vincula a um sistema racista e capitalista, configurando-se então um grande e complexo sistema de dominação e exploração, que torna as mulheres pobres e negras as maiores vítimas destas estruturas (Saffioti, 1987). Portanto, o enfrentamento desta realidade opressora requer uma abordagem que seja feminista - ou seja, que faça questionar papéis hegemônicos e hierarquias cristalizadas -, mas que seja também anti-patriarcal, antirracista e anticapitalista, a fim de que alcancemos a superação integral desta histórica e violenta dominação masculina sobre as mulheres.

## ***Porque discutir violência contra as mulheres com as e os jovens?***

16

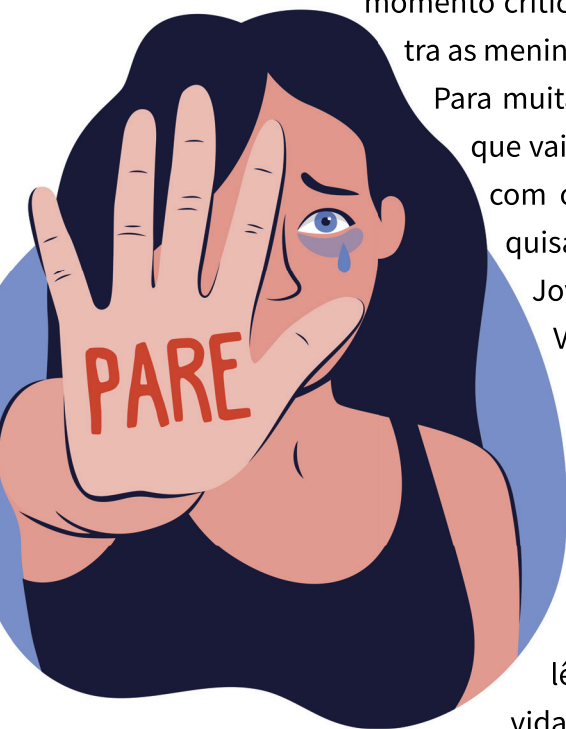
Em pesquisa realizada no ano de 2014 pelo Instituto Avon e o Data Popular, com o objetivo de saber a percepção de jovens de 16 a 24 anos de várias regiões do país sobre a violência contra a mulher, o comportamento machista aparece com grande prevalência e ainda continua a se perpetuar entre os homens mais jovens. A pesquisa mos-



tra que, se por um lado estes jovens conhecem e aprovam a Lei Maria da Penha (96%), assim como também entendem que ainda há machismo no Brasil (96%), quando provocados vão concordar com valores e padrões machistas<sup>4</sup>, que remetem sempre ao controle do corpo das mulheres jovens, tanto em relação à roupa quanto à forma como elas vivem a sua sexualidade.

No que diz respeito à violência cometida contra elas, 51% das entrevistadas disseram sofrer com algum tipo de investida de ex-parceiros, mesmo após o marco do fim do relacionamento, sempre um momento crítico onde a ofensiva machista contra as meninas pode ser mais perigosa e letal.

Para muitas jovens, a violência é um fator que vai determinar também sua relação com o espaço público. Segundo pesquisa da Agência Énois Inteligência Jovem em parceria com o Instituto Vladimir Herzog e a Agência Patrícia Galvão<sup>5</sup>, 90% das meninas disseram deixar de fazer alguma coisa com medo da violência, tal como não usar determinado tipo de roupa (27%) e/ou não sair à noite (31%). Além da violência ser um fator presente na vida de todas, ainda segundo esta



<sup>4</sup> Pesquisa realizada 2.046 jovens de 16 a 24 anos das cinco regiões do Brasil, 2014.

<sup>5</sup> Pesquisa realizada com 2.285 jovens de 14 a 24 anos, moradoras de 370 cidades brasileiras, 2014



pesquisa, o machismo também é entendido por elas como um fator que atrapalha seu desenvolvimento, dificultando a participação em determinados tipos de esportes, por exemplo, bem como restringindo o acesso a certos tipos de profissões, como aquelas ligadas à tecnologia, entre outras.

Diante deste cenário, pode-se perguntar: Como fica a vivência da condição juvenil para estas jovens? Como fica a experimentação e a oportunidade de ampliar o repertório social e cultural do/a jovem nos contextos marcados pela violência?

Quando se discute sobre juventude e condição juvenil, torna-se imprescindível fazer o recorte de gênero... Considerando que as diferentes faces da violência contra a mulher perfazem uma engenhosa construção cultural, social, histórica, política e econômica, é preciso ressaltar que tal fenômeno está relacionado à dimensão do poder entre os gêneros. Vivemos em uma cultura androcêntrica, ou seja, grosso modo, *o poder está nas mãos de machos, brancos, e de preferência héteros* ou daqueles que reproduzem uma masculinidade hegemônica/padrão, onde a agressividade e a violência são atributos valorizados (Saffioti, 2015). Segundo a autora, a perpetuação da violência, portanto, está relacionada a uma socialização machista, diariamente reproduzida nos meios de comunicação, na escola, na família, nas igrejas!

18

Assim, embora tenhamos vagarosamente avançado em muitas dimensões, a educação sexista entre meninos e meninas é um fator que precisa ser encarado com mais seriedade pela sociedade e pelo Estado brasileiro, pois é geradora das intolerâncias e violências que queremos combater. A cristalização desta socialização sexista é pro-



cessual e acontece desde a infância - quando, por exemplo, diferencia-se as vivências e os espaços das crianças através de uma desigualdade de gênero: para os meninos, brincadeiras relacionadas a velocidade, agressividade, criatividade, e ao espaço público; em contrapartida, as brincadeiras e os brinquedos tidos como de meninas (casinha, bonecas) estimulam a retração social, o confinamento ao privado e a reserva ao espaço doméstico.

Este cenário patriarcal, muito bem articulado na intencionalidade da supremacia masculina, faz com que homens e mulheres cresçam agindo e pensando como se tivessem nascido naturalmente com atitudes e características tidas como femininas ou masculinas - por exemplo, “andar que nem homem”, “sentar que nem mulher...” -, quando, na verdade, todas essas características são construídas social e culturalmente, e pouco a pouco vão sendo naturalizadas. Esse processo educativo, com amplo impacto social e político, nega o desenvolvimento sadio e livre de crianças e jovens, pois estimular afeto, cuidado, força e coragem, é direito de qualquer pessoa humana, e não se pode subtrair isso a qualquer criança ou jovem diferenciando-se as brincadeiras, as cores e o mundo de acordo com seu sexo/gênero. Em larga escala e com alcance global, esse sistema de desigualdade e opressão, profundamente arraigado desde o princípio da vida, traz como trágica consequência a morte das mulheres e a produção de homens sofrivelmente violentos.

19

Reconhecer o machismo como um comportamento intensamente presente em nossa sociedade é importante, mas não o suficiente para erradicá-lo, o que torna urgente discutir com as/os jovens a per-





versa espiral da violência contra as mulheres: suas raízes, suas consequências, e os caminhos para eliminá-la. A campanha da Pastoral da Juventude pretende descortinar e apresentar estes dados de maneira reflexiva e profética entre as juventudes, lançando o desafio do enfrentamento aos ciclos de violência contra a mulher a todos os grupos de jovens e a todas as pessoas comprometidas com a proposta libertária de Jesus.

## Referências:

SAFFIOTI, Heleieth.I.B. *O Poder do Macho*. São Paulo: 1ª edição, Editora Moderna, 1987.

\_\_\_\_\_ *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo, 2ª edição; Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

WALSELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil*. FLACSO Brasil: Brasília, 2015.

Pesquisa Instituto Avon/Data Popular, *Violência contra a mulher: o jovem está ligado?*, São Paulo, 2014

## Sites:

<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/feminicidio/> acesso em: 07 de agosto de 2017.

[http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/12/pesquisaAVON-violencia-jovens\\_versao02-12-2014.pdf](http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/12/pesquisaAVON-violencia-jovens_versao02-12-2014.pdf) acessado em: 12 de julho de 2017.

[http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wpcontent/uploads/2015/07/ENOIS\\_meninapodetudo2015.pdf](http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wpcontent/uploads/2015/07/ENOIS_meninapodetudo2015.pdf) acessado em: 12 de julho de 2017.



20



## **PROPOSTA METODOLÓGICA DA CAMPANHA**

A metodologia da campanha passa pela constituição de grupos de trabalho, definição de eixos organizativos e construção de etapas processuais. A seguir, descreveremos este caminho.

### ***GRUPOS DE TRABALHO (GT)***

Para melhor organizar e dinamizar a Campanha, no primeiro triênio (2017-2020) foram constituídos Grupos de Trabalho (GT) que se responsabilizaram por conduzir os processos, em sintonia e diálogo constante com a Secretaria e Coordenação Nacionais, e Comissão Nacional de Assessores/as da PJ, eram estes: GT provisório, GT central e GT geral. Com a Ampliada Nacional da PJ em Erexim-2020, um novo modelo organizacional se deu enquanto equipe de articulação da Campanha para o próximo triênio (2020-2022) sendo atualmente apenas o GT Central o responsável por organizar e dinamizar a Campanha. Tal Gt permanecerá até a Ampliada Nacional de 2023, quando a Campanha passará por avaliação e revisão.



**GT Central:** composto por até 2 jovens indicados/as por cada Regional, de fora da CNPJ, de preferência salvaguardando-se a paridade de gênero – ou seja, um homem e uma mulher –, de 15 a 29 anos, com disponibilidade para compor a Equipe Central até a ANPJ de 2023, por 5 jovens da CN, 1 membro da CNA e a SN. Esse grupo possui a responsabilidade de canalizar as demandas referentes à organização, sistematização e memória histórica da Campanha, bem como ser referência para os regionais.

Para um aprimoramento dos trabalhos, no segundo semestre de 2019, o GT entendeu a necessidade de se subdivir em:

- \* **SubGT de Finanças** que é responsável pela tarefa financeira da Campanha, em diálogo direto com o GT de Finanças da PJ Nacional,
- \* **SubGT de Comunicação** que é responsável pelo trabalho de toda divulgação virtual e marketing da campanha, em diálogo com a Equipe Teias da Comunicação da PJ Nacional.

O GT Central ainda estuda a necessidade de uma terceira subdivisão que seria o **SubGT Metodológico** onde visa-se ser o responsável pelo andamento das demandas e caminhos futuros para se trilhar enquanto campanha nacional, porém este ainda está em construção/análise.



## EIXOS DE ORGANIZAÇÃO

Os eixos de organização que seguem – formação, mídia e atividades de massa – podem ser dinamizados de forma específica, mas é importante saber que eles são transversais uns aos outros, ou seja, necessitam de ações articuladas e sintonizadas na mensagem a ser transmitida e na função a ser desempenhada. Para melhor vivência desta dimensão da transversalidade, tem-se a espiritualidade como um possível e potente laço de articulação entre todos os eixos.



No 12º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude, acontecido em janeiro de 2018 em Rio Branco/AC, por ocasião do lançamento da Campanha, grupos de trabalho se debruçaram sobre os eixos, elaborando propostas, atividades/ações e orientações gerais/pressupostos para o desenvolvimento do respectivo eixo. De forma sucinta, elas aparecerão nas descrições que seguem abaixo.

23

### 1. Formação

Este eixo refere-se a todo o trabalho de base destinado a desenvolver a formação integral e libertadora assumida pela PJ. É fundamental que a formação seja feita junto aos grupos de jovens e junto



às coordenações, em todas as instâncias pastorais e também para fora das estruturas eclesiais. Deve valer-se das estratégias mais adequadas para as finalidades da Campanha. Sugere-se que o caminho possa contemplar:

- a. Dimensão teórico-conceitual: Nivelar os entendimentos, abordagens e conceitos da temática da Campanha entre os/as jovens, assessores/as e pessoas que possam vir a se envolver nos processos.
- b. Atividades de Formação: Oficinas, fóruns, debates, seminários, encontros, ciclo de Estudos, cine debate, etc.
- c. Rodas de Conversa: Destacam-se como metodologia privilegiada para organização de encontros aos grupos pequenos, favorecendo a formação de lideranças. Podem ser ocasiões únicas ou encadeadas em séries, com temáticas variadas. Devem considerar e reconhecer a realidade local de cada grupo e comunidade.
- d. Materiais e Produção de Conteúdo: Subsídios, cartilhas, músicas, revistas, vídeos (filmes e documentários) e outros tipos de materiais em geral, de fácil utilização, com largo alcance e que podem ser ótimos companheiros de caminhada para quem deseja desenvolver ações de cunho formativo. A utilização de dinâmicas também tem lugar privilegiado nestes tipos de ações. Pode-se produzir novos materiais ou retomar e atualizar alguns dos que já existem, direcionando-os para a temática específica da Campanha.
- e. Parcerias: É a aproximação com quem pode fazer a discussão relativa à Campanha, e assim contribuir no processo local:





Pastorais, Movimentos e Organismos Eclesiais; Congregações, Movimentos Sociais/Populares/Globais, Organizações Não-Governamentais, Grupos e Redes Sócio-comunitários; Órgãos Públicos; Conselhos de Direitos; Mídia; Centros de Estudo, Pesquisa e Formação; Redes de Enfrentamento à Violência Doméstica e Familiar contras as Mulheres; Outras Igrejas e denominações religiosas.

- f. Atividades Permanentes das PJs: A Campanha pode e deve estar presente em todas as atividades permanentes da pastoral, sendo a formação um dos objetivos do alcance das ações.

## 2. Mídia

A arte da comunicação é essencial para uma realização exitosa da Campanha. Pensar no desenvolvimento das ações de forma criativa, lúdica e interativa, parece fundamental para o total alcance dos objetivos propostos. Neste contexto, a intervenção em redes sociais e espaços virtuais é fundamental para o processo de capilarização da Campanha e da discussão que ela irá desencadear nos âmbitos micro e macro, permitindo assim que a pauta esteja em foco permanente.

Para isso, é preciso qualificar essa forma de incidência, podendo-se utilizar de: preparação de materiais audiovisuais (vídeos - filmes e documentários -, fotografias, edição de imagens, cartazes e banners eletrônicos, músicas, hino da Campanha...); produção de conteúdo virtual (adesivo em fotos de perfis com o logo da Campanha, divulgação de orientações de cunho educativo e assistencial para casos de violên-



cia); e exploração de toda a diversidade de mídias disponíveis (inclusive rádio comunitária e online). Toda a potência do espaço midiático ainda apresenta outros recursos, como a utilização de um canal específico no Facebook e no Youtube para a Campanha, a criação de um aplicativo, ou a disponibilização de instrumentos para acesso amplo e longo alcance, como bancos de dados ou arquivos virtuais (de trabalhos acadêmicos que falam sobre o assunto, por exemplo).

Assim como saber escolher e planejar a melhor utilização dos recursos disponíveis, é muito importante propor o uso de linguagens virtuais que dialoguem com as juventudes dos tempos atuais - por exemplo, evitando-se termos técnicos ou teorizações excessivas. No caso específico desta Campanha, é igualmente necessário estudar as formas de atingir e sensibilizar o público de homens.

Neste eixo, é proposto também o monitoramento midiático, sabendo-se que a mídia é um lugar tanto de reprodução da cultura da violência através de concepções e preconceitos, quanto de exposição de casos de violências que atingem diariamente dezenas de mulheres em todos os cantos do país.

Por fim, atente-se para o fato de que qualificar a ação midiática requer também preparo e, para isso, é interessante convidar movimentos de mídia alternativa e midialivrismo para oficinas técnicas e temáticas em torno da discussão da Campanha e suas diversas demandas.



### 3. Atividades de Massa

Atividades de massa permitem unificar a luta em torno de uma causa comum. No processo de sensibilização de grupos, comunidades, e da sociedade como um todo, a massificação da pauta exige desenvolver atividades que possam aglomerar mais e mais pessoas, em diferentes momentos do processo de formação, como forma de propor espaços de motivação, discussão e repercussão política. As atividades de massa geralmente são realizadas junto com parcerias, podendo abranger serviços, organizações e instituições locais; em se tratando especificamente de juventude, envolver as escolas parece fundamental.

Eventos culturais, panfletagens, concentrações diocesanas, jornadas, marchas, romarias da juventude, são algumas das atividades típicas para este eixo. A criação de um *Dia Nacional de Luta* pode também ser interessante, abrangendo atividades de cunho social e cultural nas comunidades, tanto para a participação massiva de pessoas (marcha, pedalada, caminhada, show, palestra na comunidade, etc), quanto para a oferta de serviços às mulheres (atendimento da defensoria pública, psicóloga/o, justiça restaurativa em conjunto com núcleo de justiça e paz, etc).

Atividades de massa já realizadas pela pastoral, como os encontros regionais e as romarias regionais, podem ser unificadas ao processo nacional da Campanha através de símbolos, temáticas e propostas comuns.



## 4. Articulações institucionais

Juntos e juntas andamos bem melhor! Para muitos espaços, e para uma incidência política com mais força, é importante que a agenda de lutas da PJ em torno da Campanha seja conhecida e possa firmar laços com entidades, organismos, ONGs, grupos, centros e institutos de juventude, pastorais e movimentos sociais, que já vêm fazendo essa discussão há mais tempo, e com quem temos muito que aprender. Essas articulações vêm a somar e a fortalecer a luta em todos os eixos da Campanha, e podem se realizar através de diálogos, eventos, atividades comuns, troca de materiais, prestação de serviços, mobilização de projetos financeiros conjuntos, grupos de estudos, grupos de pesquisa, grupos de trabalho, etc. São exemplos destas aproximações potencialmente fecundas: propor e mobilizar ações junto ao poder público, (jurídico, executivo, legislativo...), mapear parlamentares que defendem a causa, organizar conferências, fóruns e atividades de rua, aproveitar meses temáticos com repercussão social (outubro rosa, novembro azul, etc), entre outras.

Além disso, é de suma importância a articulação municipal para a criação e/ou otimização de espaços públicos para as mulheres nas cidades como, por exemplo, o conselho municipal da mulher e os centros de apoio às mulheres. Estes organismos além de serem colegiados, permanentes e deliberativos – e, às vezes, apenas consultivos, eles garantem, mesmo que minimamente, a participação popular, políticas públicas e auxílios diversos à população feminina. É importante destacar o papel desses espaços como essenciais na busca constante da garantia de vida integral das companheiras e dos direitos sociais.



Ainda no âmbito sociopolítico, dentro deste triênio estaremos vivenciando eleições municipais em 2020 e estaduais/federais em 2022, nesse sentido, é fundamental incentivar candidaturas femininas, ou seja, garantir a participação de mulheres na política partidária. E não só incentivar as candidaturas, mas acompanhar e construir redes de apoio, priorizar, preferencialmente, por maior representatividade possível dos diversos rostos femininos (negras, indígenas, quilombolas, lésbicas e etc.) nas disputas eleitorais, ajudar na articulação de coletivos femininos, além das disputas eleitorais visar também cargos dentro dos diretórios partidários e etc. Segundo o *Inter-Parliamentary Union (2018)*, o Brasil é um dos piores países em termos de representatividade política feminina, ocupando o terceiro lugar na América Latina em menor representação parlamentar de mulheres. É preciso (re) pensar as relações de gênero nestes espaços políticos, garantindo assim uma sociedade efetivamente representativa.

Já para dentro do contexto eclesial, a proposta da Campanha deve ser apresentada o mais amplamente possível. Assim, podem-se aproveitar as articulações que já existem, como os meses temáticos do calendário litúrgico, a Campanha da Fraternidade e a Agenda Latinoamericana. Para sair do campo interno da PJ, as articulações institucionais são fundamentais para projetar a Campanha num contexto maior, para fora, especialmente na direção de se construir uma agenda política de enfrentamento aos ciclos de violência contra a mulher.



## 5. *Espiritualidade*

A dimensão mística e a prática da espiritualidade conferem sentido fundante, de unidade e profetismo, comunhão e coerência, à vivência da Campanha. Com a potência de traçarem um laço de articulação entre os quatro eixos de organização - formação, atividades de massa, mídias e articulações institucionais -, algumas propostas neste campo de mística e espiritualidade podem ser muito eficazes para o caminho de enfrentamento aos ciclos de violência contra a mulher. São elas: Leitura Orante da Bíblia com linguagem feminista (por exemplo: caminho do calvário; Madalena; Magnificat de Maria; Moisés; Marta e Maria; Samaritana; Ester; Ruth; Mulheres e Jesus; Verônica; Deuteronômio); Marchas das Mulheres; Ofício Divino da Mulher; retiros espirituais relacionados à temática da Campanha; músicas que falam da mulher; etc.

Alguns cultivos importantes devem ser destacados quando se fala da prática de uma espiritualidade que seja de fato libertadora e que propicie cuidado integral com a vida: mostrar várias faces das mulheres (encarcerada, indígena, ribeirinha, quilombola, em situação de rua, mulheres trans, mulheres gordas); discernir de qual feminismo a Campanha está tratando; valorizar e difundir a espiritualidade mariana; fazer união fé e vida, ou seja, tratar de uma fé encarnada na realidade concreta; explorar as referências bíblicas de Maria e de outras mulheres das Sagradas Escrituras; entre outros.





## ETAPAS

Optou-se por dividir os anos do triênio 2020 - 2022 em três etapas que se complementam e apontam para atividades processuais, permanentes e sintonizadas:

### ***Primeira etapa (durante o ano de 2020):***

- \* Reformular o Projeto Trienal da Campanha e Calendário Anual;
- \* Promover estudos de aprofundamento e produção de materiais com a temática de Masculinidades e Justiça Restaurativa;
- \* Ampliar as temáticas de relações abusivas em busca de novas relações de vida e superação da violência;
- \* Aprofundar os estudos do sagrado feminino e teologia feminista a partir da nossa relação e espiritualidade;
- \* Mapear a nível nacional as redes de proteção e parcerias com entidades e movimentos em defesa da vida das mulheres;
- \* Incentivar ações efetivas nos regionais, dioceses e grupos, como estudos temáticos, rodas de conversa e produção de materiais.
- \* Criação/articulação de órgãos públicos municipais como: Conselho Municipal da Mulher, Centros de atendimento/apoio às mulheres e dentre outros.



## ***Segunda etapa (durante o ano de 2021):***

- ✱ Realizar curso virtual em parceria com o Cajueiro para capacitação de multiplicadoras e multiplicadores da Campanha;
- ✱ Promover encontro presencial com o GT Central;
- ✱ Avançar e consolidar parcerias com entidades e movimentos em defesa da vida das mulheres;
- ✱ Fortalecer o reconhecimento e cultivo do sagrado feminino a partir da teologia feminista, ampliando o estudo das mulheres bíblicas e sua importância na construção do Reino e no enfrentamento aos ciclos de violência contra a mulher.
- ✱ Criação/articulação de órgãos públicos municipais como: Conselho Municipal da Mulher, Centros de atendimento/apoio às mulheres e dentre outros.

## ***Terceira etapa (durante o ano de 2022):***

- ✱ Realizar Seminário Nacional da Campanha, com a proposta de escuta e partilha das experiências e resultados obtidos nos seis anos de ações em defesa da vida das mulheres;
- ✱ Provocar ações concretas em defesa da vida das mulheres nos regionais, dioceses e grupos, como marchas, audiências públicas, seminários, entre outras;
- ✱ Construir e dinamizar ações midiáticas e públicas em parcerias com entidades e movimentos em defesa da vida das mulheres.
- ✱ Criação/articulação de órgãos públicos municipais como: Conselho Municipal da Mulher, Centros de atendimento/apoio às mulheres e dentre outros.





## **CRONOGRAMA**

Para o bom andamento do processo, é importante organizar um calendário de atividades e se ater sempre a ele. Nosso cronograma tem como base o Plano de Ação da Pastoral da Juventude elaborado a partir das definições da Ampliada de Erechim - RS em janeiro de 2020. Cada regional e/ou (arqui)diocese pode preencher com suas atividades locais o calendário geral que segue abaixo, já ciente das etapas que orientam as atividades específicas da Campanha durante o triênio 2020-2023.

33

É importante lembrar que muitas das atividades apresentadas no presente projeto também exigirão calendários pró ativos específicos para que seu processo possa ser melhor detalhado e visualizado pelas equipes responsáveis por sua execução.



# 2020

Atividades previstas	Abrangência   responsabilidade	Meses												
		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	
Sistematização das propostas de ação apontadas pela Ampliada de Erechim - RS e elaboração do Plano de Ação Pastoral da PJ	Nacional   Gt central   SN/CN/CNA													
Lançamento do subsídio virtual pelo enfrentamento aos relacionamentos abusivos em parceria com a Juventude Franciscana	Nacional   Gt Central e Secretaria Nacional de Formação da JUFRA													
Revisão e atualização do projeto da Campanha	Nacional   GT central													
Elaboração e lançamento do material formativo sobre novas masculinidades	Nacional   Gt central													
Mapeamento a nível nacional das redes de proteção e parcerias.	Nacional   Gt central													



# 2021

Atividades previstas	Abrangência   responsabilidade	Meses											
		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Mapeamento a nível nacional das redes de proteção e parcerias.	Nacional   Gt central												
Lançamento do Calendário Anual da Campanha	Nacional   GT central (equipe de comunicação)												
Curso virtual para capacitação de multiplicadoras/es da Campanha em parceria com o Centro de Juventude Cajueiro	Nacional   GT central e coordenação do Cajueiro												
Encontro presencial de organização, construção e partilha das ações da Campanha	Nacional   GT central da Campanha + SN/CN/ CNA												
Encontros de formação e organização da Campanha	Regionais e (arqui)dioceses												



Produção e divulgação de materiais (subsídios/roteiros de encontro, cartilhas, audiovisuais, folderes...)	Nacional   GT Central e Geral												
Realização de debate e de ações concretas pertinentes à Campanha, em âmbito local, aproveitando o impacto e a organização das Atividades Permanentes das PJs.	Regionais e (arqui)dioceses												





# 2022

Atividades previstas	Abrangência   responsabilidade	Meses												
		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	
Realização do Seminário Nacional da Campanha (proposta de ser dentro do 13º ENPJ)	Nacional   GT Central	█												
Produção e divulgação de materiais que tragam a temática do Sagrado Feminino (subsídios/roteiros de encontro, cartilhas, audiovisuais, folderes...)	Nacional   GT Central e Geral + SN/CN/CNA		█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
Fortalecimento das estratégias de incidência midiática.	Nacional   GT Central da Campanha + SN/CN/CNA	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█	█
Atividades massivas descentralizadas	Regionais e (arqui)dioceses					█	█	█						
Intervenção Social: fóruns, audiências públicas, incidência política.	Nacional, regionais e (arqui)dioceses   GT Central da Campanha + SN/CN/CNA			█	█	█	█	█	█	█	█	█		



<p>Realização de debate e de ações concretas pertinentes à Campanha, em âmbito local, aproveitando o impacto e a organização das Atividades Permanentes das PJs.</p>	<p>Regionais e (arqui)dioceses</p>											
<p>Processo preparatório da Ampliada Nacional da Pastoral da Juventude</p>	<p>Nacional   SN/CN/CNA</p>											



# 2023

<i>Atividades previstas</i>	<i>Abrangência   responsabilidade</i>	<i>Meses</i>											
		<i>Jan</i>	<i>Fev</i>	<i>Mar</i>	<i>Abr</i>	<i>Mai</i>	<i>Jun</i>	<i>Jul</i>	<i>Ago</i>	<i>Set</i>	<i>Out</i>	<i>Nov</i>	<i>Dez</i>
Ampliada Nacional da PJ	Nacional  SN/CN/CNA												
Criado Conselho Municipal da Mulher e/ou Centro de atendimento/apoio às mulheres	Municípios												



## SUSTENTABILIDADE

No presente projeto, não será apresentada, de forma quantitativa, a previsão orçamentária para a realização da Campanha. A ideia é apenas sinalizar uma dimensão que precisa ser tratada com muita atenção, responsabilidade e cautela. A construção de um projeto de sustentabilidade específico para a Campanha deverá organizar esta dimensão do trabalho.

Seguem alguns indicativos que precisarão ser observados quando da execução das atividades e do atendimento às demandas:

- ✱ Passagens e diárias para reuniões do GT Central (encontro de formação para multiplicadoras/es regionais; encontros para organização, construção e monitoramento das ações da Campanha, bem como para partilha das ações regionais/locais);
- ✱ Material de secretaria: impressões, site, internet, telefone;
- ✱ Material para visibilidade e publicidade da Campanha: folders, cartazes, cartilhas, subsídios, bótons, banners, camisetas, espaços virtuais, etc.
- ✱ Acompanhamento e suporte para a organização de atividades regionais/locais.

40



## PARCERIAS/REALIZAÇÃO

Todo o caminho a ser percorrido torna-se mais sólido quando feito junto de quem sonha o mesmo sonho, ousando transformar contextos e tornar possíveis outras realidades. Nesse sentido, para interligar ações e torná-las mais efetivas, buscaremos construir, promover e aproximar atores sociais do enfrentamento à violência contra mulher, tais como: Pastorais, Movimentos e Organismos Eclesiais; Movimentos Sociais/Populares/Globais, Organizações não governamentais, Grupos e Redes Sócio-comunitários; Órgãos Públicos; Conselhos de Direitos; Mídias; Centros de Estudo, Pesquisa e Formação; Universidades; Observatórios de Juventude; Redes de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres; Igrejas e demais denominações religiosas; entre outras.

Das parcerias locais (com entidades, serviços e coletivos) até às nacionais (com organizações articuladas nessa instância), os diálogos e as pontes poderão ser construídos tanto de acordo com demandas específicas da campanha – formação, articulação, fóruns, audiências públicas, etc. –, quanto de forma orgânica, pensando na construção de espaços próprios, especialmente na incidência externa à PJ. É importante que cada instância seja sensível a esta necessidade, e mais que isso, que esse movimento de aproximação seja horizontal e responsável. Tanto as Demandas, específicas quanto as orgânicas, possibilitam distintas maneiras de construir parcerias que potencializam o combate à violência. Em cada movimento coletivo de cooperação se faz necessário o levantamento das ferramentas, e recursos que cada uma das partes irá empregar para solidificação da caminhada conjunta.



## ANEXOS



*Possíveis estratégias para o desenvolvimento da Campanha Nacional nas demais instâncias pastorais apontadas pela Ampliada de Erechim - RS (7 a 12 de janeiro de 2020), tendo como ponto de partida as ações da Campanha assumidas no último triênio.*





<i>De onde partimos?</i>	<i>Onde queremos chegar?</i>	<i>Estratégias para PJ Grupo de Jovens</i>	<i>Estratégias para a PJ Diocese</i>	<i>Estratégias para a PJ Regional</i>
<p>Lançamento oficial da Campanha e pauta de suas ações no 12º ENPJ em Rio Branco-AC; Relatos dos diversos regionais, dioceses e grupos de jovens espalhados pelo Brasil, expondo os frutos da campanha nas suas regiões (criação de coletivos femininos, audiências públicas, rodas de conversa, participação nos conselhos municipais da mulher, encontros formativos, produção de materiais e etc); Realização da Caminhada Nacional em defesa da vida das mulheres, durante a Ampliada Nacional em Erechim-RS.</p>	<p>Potencializar o desenvolvimento da Campanha a partir das propostas advindas da ANPJ 2020.</p>	<p>Participar das ações propostas em nível diocesano; Realizar encontros do grupo para trabalhar a Campanha; Realizar oficinas ou rodas de conversa sobre a Campanha nas escolas da comunidade.</p>	<p>Realizar estudo sobre as realidades locais (levantamento de dados e possíveis identificações sobre situações de violências); Realizar encontros, marchas e mobilizações em torno da Campanha.</p>	<p>A partir do Gt Regional e da CR, mapear quais as urgências de atuação da Campanha nas localidades.</p>



<p>Relação do ENA, em 2019, trazendo muito forte a mística e sagrado feminino a partir de Maria de Magdala.</p>	<p>Fortalecer o reconhecimento e cultivo do sagrado feminino a partir da teologia feminista, pautando a temática de forma transversal</p>	<p>Tomar a temática do sagrado feminino e teologia feminista como referencial místico-teológico para iluminar os encontros, eventos e atividades grupais.</p>	<p>Tomar a temática do sagrado feminino e teologia feminista como referencial místico-teológico para iluminar as reuniões, eventos e atividades diocesanas.</p>	<p>Tomar a temática do sagrado feminino e teologia feminista como referencial místico-teológico para iluminar as reuniões, eventos e atividades regionais.</p>
<p>Os vários subsídios oferecidos aos grupos com roteiros formativos e de preparação para realização das atividades da Campanha.</p>	<p>Ampliar e aprofundar a capacitação para o enfrentamento aos ciclos de violência contra as mulheres</p>	<p>Incluir no planejamento grupal e realizar com o grupo os encontros, rodas e outras atividades propostas pelos subsídios da Campanha.</p>	<p>Realizar cursos ou encontros de capacitação de lideranças a partir dos subsídios da Campanha.</p>	<p>Estudar e divulgar os subsídios da Campanha no Regional; pensar e elaborar subsídios ou materiais de acordo com a realidade do regional.</p>



<p>2017 como ano de concepção da Campanha, sendo desde então pauta primordial no processo de educação na fé desenvolvido pela PJ; Formação do GT Central; Criação de parcerias nacionais (CRB); Audiência Pública no Senado, Brasília; Criação de GTs Regionais e Diocesanos como forma de multiplicação da Campanha.</p>	<p>Avançar e consolidar parcerias com entidades e movimentos em defesa da vida das companheiras</p>	<p>Mapear as escolas, movimentos e coletivos juvenis que existem na comunidade, buscando dialogar e construir ações conjuntas de prevenção à violência contra as mulheres.</p>	<p>Mapeamento a nível local das redes de proteção e parcerias.  Ampliar os canais de divulgação dos locais de atendimento e acolhimento de vítimas de violência.</p>	<p>Mapeamento a nível local das redes de proteção e parcerias.</p>
---	---	--	--	--





📷 @pjnacional

📺 @pastoraldajuventude

[www.pj.org.br](http://www.pj.org.br)